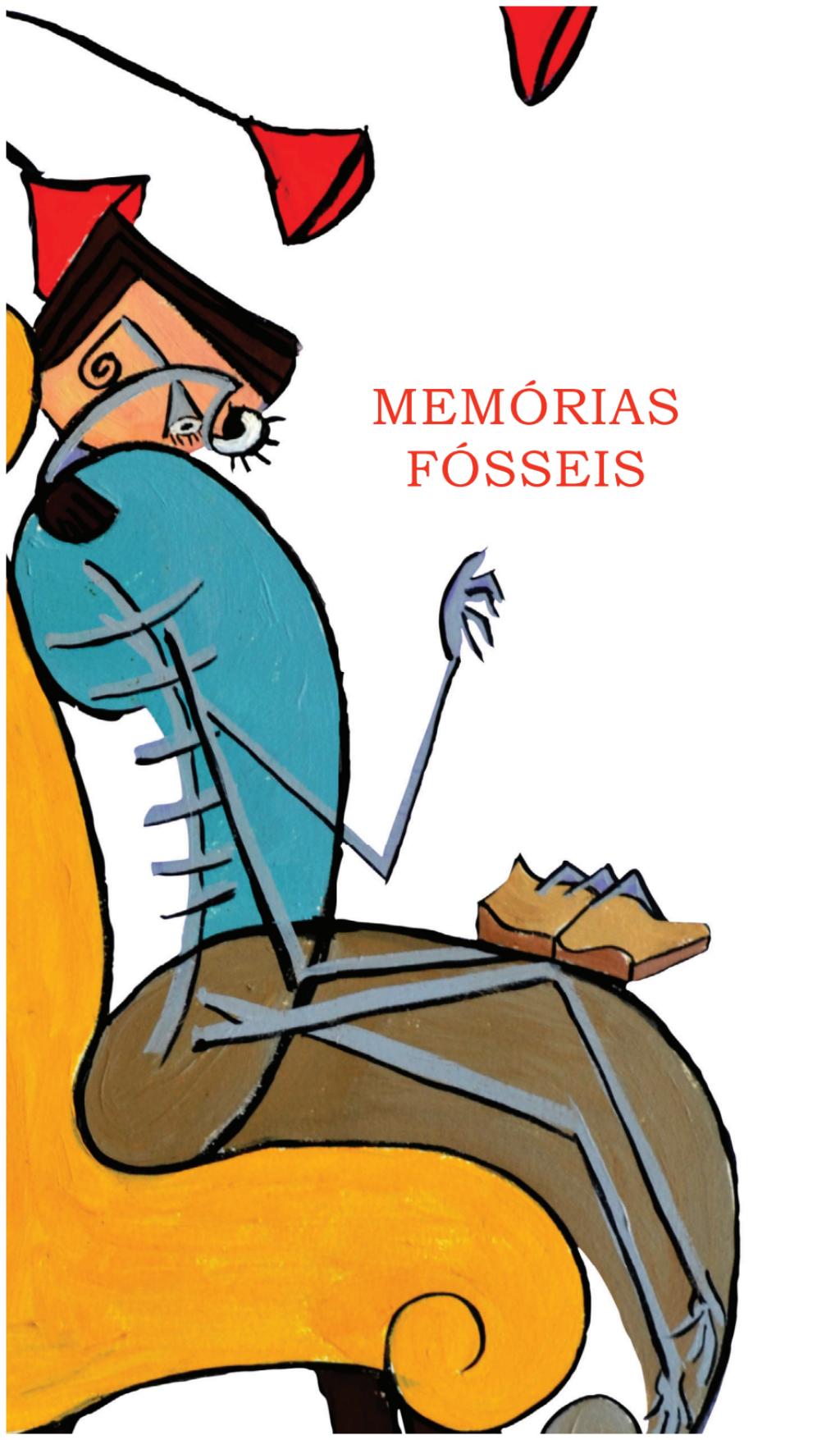


Memórias Fósseis

Weslley Almeida


Editora da UESC





MEMÓRIAS FÓSSEIS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - REITORA

Evandro Sena Freire - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

MEMÓRIAS FÓSSEIS

Weslley Almeida

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2016

Copyright ©2016 by WESLLEY MOREIRA DE ALMEIDA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
George Pellegrini
Deise Francis Krause

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E CONTRACAPA
Rogers Grossi

REVISÃO
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447 Almeida, Weslley Moreira de.
 Memórias fósseis / Weslley Almeida. - Ilhéus, BA :
 Editus, 2016.
 103 p. : il.

ISBN 978-85-7455-422-8

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 581.4

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORIA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

PRÊMIO SOSÍGENES COSTA DE POESIA 2016

O Prêmio Sosígenes Costa de Poesia é uma das ações propostas pelo Festival Literário de Ilhéus-FLIOS, cujos objetivos são homenagear um dos maiores poetas brasileiros do século XX, nascido no sul da Bahia, e estimular a produção poética autoral e inédita de poetas da Bahia ou aqui radicados há mais de 3 (três) anos. O FLIOS é um projeto de apoio às políticas públicas de Estado para fomento do livro e da leitura (Leis Estaduais 12.365/11 e 13.193/14; e Lei Municipal 3.539/11) no que se refere à democratização e descentralização e à promoção da identidade e da diversidade cultural. Conceitualmente o Festival foi pensado como um espaço de compartilhamento de heranças e imaginários. Um fórum de debate sobre a singularidade da Literatura Sul-Baiana, enquanto patrimônio imaterial portador de referências identitárias.

O Prêmio Sosígenes Costa visa estimular a criatividade e a articulação da cadeia produtiva do livro no sul da Bahia

envolvendo escritores, produtores, editores, livreiros, designers, ilustradores e leitores. Suas ações estão pautadas na divulgação de produtos culturais gerados na Bahia que envolvem a linguagem literária. Em sua primeira edição, o Prêmio contou com o apoio da Academia de Letras de Ilhéus, que constituiu a comissão de seleção do prêmio, e da Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (EDITUS-UESC) na publicação do livro “Memórias Fósseis”, de autoria de Weslley Almeida, residente em Feira de Santana, vencedor do Prêmio. O concurso contou com 38 (trinta e oito) inscritos de 14 (catorze) municípios pertencentes a 5 (cinco) diferentes territórios culturais da Bahia, o que demonstra a abrangência do projeto e a efetiva participação de poetas de todo o estado da Bahia.

André Luiz Rosa Ribeiro
Organizador do Prêmio
Sosígenes Costa de Poesia.

A POESIA COMO RELICÁRIO DAS VIVÊNCIAS

Aleilton Fonseca

*Poesia é coisa séria
mas às vezes a gente entra brincando
ensaiando a alquimia das palavras
no construto dos sentidos.*

Weslley Almeida

Em *Memórias fósseis* Weslley Almeida escava sentidos ocultos pelo tempo: os fatos, as imagens, ideias e vivências de sua vida. Ele assume o discurso como intérprete das revelações e das descobertas acumuladas desde a infância, fazendo uma releitura daquelas marcas indeléveis que permanecem como traços da personalidade do ser adulto. O poeta revê sua trajetória, ainda tão recente, para rememorar, reler os afetos, sentir de novo as experiências vividas, através da poesia do presente. São atos de vontade, achados criativos e invenções de linguagem. Ele afirma que o poeta é um quixote das palavras, ou seja, um artífice de sonhos e ilusões, em luta constante com os moinhos de significados.

Wesley Almeida é um poeta jovem, em processo de formação e em diálogo com a poesia que o encanta e lhe aponta os caminhos, de onde as palavras brotam e se enramam na sensibilidade e na imaginação. Para colher as motivações que medram por toda parte, o poeta se mantém atento ao mundo, com os “órgãos dos sentidos excitados” e “as cores pulando aos seus olhos”. Essa imagem inicial plasmada nos versos do poema “Sinestésico” demonstra a sua proposta de criação, como um intérprete de cores, sons, olores, sabores, imagens que compõem o arco-íris de suas sensações.

O poeta Sosígenes Costa (1902-1968), patrono do prêmio atribuído a este livro, certamente aprovaria o trabalho de criação do jovem autor. O esteta belmontense e ilheense escrevia poemas como quem pintava paisagens, esculpindo aquarelas nos versos e nas rimas, com uma plasticidade rara e admirável. Descrevia crepúsculos e pavões líricos através de rimas preciosas, a partir dos sons, das cores e das formas que seus olhos colhiam nas paisagens de Belmonte e de Ilhéus, cenários imantados no seio da Mata Atlântica, à beira dos rios e dos mares grapiúnas. Em sua obra a poesia é puro alumbramento, como se observa no admirável “O primeiro soneto pavônico”:

*Maravilhado assisto das janelas.
Os coqueiros, pavões de um rei
fictício,
Abrem as caudas verdes e amarelas,
Ante da tarde o rútilo suplício.*

Certamente Weslley Almeida leu a obra poética de Sosígenes Costa e aprendeu algumas lições do mestre, pois também deixa o olhar da imaginação se imiscuir nas paisagens, colhendo em seus fachos de luz e sombra os mais belos efeitos. Ele experimenta a amálgama de sensações, elaborando a sínteses de seu lirismo multicolor, num feixe expressivo de sines-tesias. Assim podemos ler os seus versos:

*Cores frente pulam aos meus olhos
é o da mata o verde
e do céu, o anil.
O branco do sorriso
da brincante criança
colore minh'alma.*

(...)

*O perfume da fruta
atiça o desejo
da fome do olfato.
Aromas de flores exalam
o suave e forte.*

O poeta mexicano Octavio Paz (1914-1998) considera que “a consciência das palavras leva à consciência de si: a conhecer-se e a reconhecer-se”. Nesse encontro do ser com o mundo, através da mediação da palavra poética, constrói-se o discurso das epifanias e da celebração, quando se pode captar a “sinfonia insistente dos grilos” e “a melódica dos pássaros” conforme os versos de Weslley Almeida. Nesse exercício da percepção, instaura-se o mundo como verbo, como *oikos* do signo, moradia e útero da Terra, no sentido alegórico e ecológico. Nesse sentido, a poesia é um discurso sempre inaugural, pelos sentidos que permite alcançar, por revelar os sinais dos abismos e mistérios do inconsciente coletivo. A poesia se instaura e segue “pela nova ciranda: dança de redemoinhos” e pelo canto das auroras, no despertar da consciência estética em torno dos viveres cotidianos.

Weslley Almeida afirma: “alcanço as manhãs no canto dos galos”. Essa imagem convoca a memória —, esse relicário das vivências —, matéria prima que traz de novo ao coração os momentos nos quais o ser poético se edificou. Como todos os poetas, ele também se alimenta desse manancial. É o invólucro da poesia que protege as cenas da vida da corrosão do tempo e do corpo. O discurso

poético restaura a sensação que anula o tempo e presentifica a emoção, como podemos observar num trecho do poema “Quintal”:

*Fui à casa de minha avó. Senti
(pés descalços)
a terra úmida de seu quintal.
Pedi
silente
à árvore
licença pra colher seus frutos.
Aquele pé de acerola
possuía uma coloração verde-
folhagem
que enamorava o vermelho das frutas.*

Na poesia do jovem autor encontramos a busca constante de uma comunhão com os quatro elementos essenciais da vida: terra, água, fogo e ar, — amalgamados na constituição dos sentidos das coisas, numa coexistência absoluta, de plena visão holística do mundo. Por isso ele pede licença à árvore para colher seus frutos, pois sabe que se trata de um ser vivo, com biografia e ancestralidade, que deve ser respeitado como um símbolo da totalidade. Para ele as plantas são seres de convivência, diálogo e trocas, seus progenitores simbólicos, pela convivência afetiva na infância, no processo de formação da personalidade. Eis o poema:

PAIS VEGETAIS

*O pé de manga e de goiaba
na infância
eram meus pais vegetais.
Andava neles
como quem voava.*

*Os besouros
– que ali na copa das árvores
moravam –
de tanto eu subir no alto
já da família me consideravam*

*não reclamavam de minha hospeda-
gem diária*

*mas eu não podia mexer
– era o contrato –
na fruta madura e cheirosa
que eles pousavam*

(aos poucos meus pés cresciam...)

*Me tornei órfão quando
cimentaram aquele quintal.
Quando
cortaram meus pais
pelo tronco*

eu fiquei todo

sem raiz.

A poesia é um estado de consciência holística, porque concilia os saberes e os afetos, diante de um mundo de perdas e crises. Daí seu compromisso com a condição humana, em favor da melhoria das condições da vida no planeta. Assim, a miséria, a fome, a desigualdade, a violência, enfim, os venenos sociais serão denunciados, naqueles cantos que tocam a alma como espinhos, para ferir e instigar as sensibilidades adormecidas. Surge aí o canto social, o olhar sobre os desvalidos e abandonados pelos seus semelhantes, nos vales de lágrimas e sofrimentos situados para além dos muros de palácios e mansões abastados.

A cidade em crise constitui, como afirma T. S. Eliot (1888-1965), uma terra devastada, habitada por homens vazios. O poeta acredita que este homem urbano é um produto precário, que tem prazo de validade. E isso ele denuncia no poema “Urbicídio”, no qual indaga, com veemência: “Para onde, / anônimos, / antônimos / perdidos corremos?”. Pouco antes, descreve assim a máquina urbana:

URBES OPERANDI

*Os acordes da cidade:
dissonantes
altissonantes.*

*A simetria dos prédios
a cronometria dos passos
o monólogo monótono maquinal*

*o click do enter
o ruído do aço*

*operários dançam sem melodia
repetitivos os braços
e o dia a dia
(como roda de polia)*

*é o mes
mo-tor
nado.*

Nos melhores momentos deste livro, os poemas germinam debaixo de árvores e dão o tom das partituras inaugurais de uma poesia que promete florescer por sobre a aridez do mundo dito pós-moderno, tão devastado pelos atos de desamor, destruição e disputas cruéis. Mais uma vez invocamos a lição de Octavio Paz, para entender o papel da poesia nos tempos

atuais. Ela constitui uma *outra voz* —, aquela que resgata a humanidade perdida ao longo de tantas conquistas tecnológicas e acumulações de riquezas materiais. Essa voz é o chamado que está no íntimo do ser e nos elementos que o definem enquanto sujeito de transformação, atitude e palavra.

O poeta Wesley Almeida segue as trilhas férteis de seus mestres, de onde brotam as raízes renovadas do lirismo dos afetos e dos viveres cotidianos. Atento à lição de Manoel de Barros (1916-2014), ele avalia a sua *ciência* poética, ao afirmar: “Sobre o nada eu tenho conhecimentos profundos”. Desse modo, sua poesia é um discurso que fala do chão, abraça a água, dialoga com árvores, indaga os pássaros, atiça o fogo dos afetos e respira o ar fresco das metáforas.

Aleilton Fonseca é escritor, membro da ALITA e da Academia de Letras da Bahia

Sumário

I

ALUMBRAMENTO/ 21

SINESTÉSICO/ 23

INAUGURAL/ 25

OCULAR/ 26

OBSERVAÇÃO/ 27

CANTO DOS GALOS/ 28

SEMPITERNO/ 29

TEMP(L)O/ 30

ALCANCE/ 31

TRAVESSIA/ 32

II

MEMÓRIAS FÓSSEIS/ 33

PAI, A BENÇÃO OU PAI-SAGENS/ 35

MARIA/ 39

MEMÓRIAS GRISALHAS/ 41

QUINTAL/ 43

PAIS VEGETAIS/ 44

MINÉRIOS/ 46

UNA PLAZA/ 48

RASTROS PEDAÇOS/ 51

III
O PRODUTO HOMEM/ 53

- POUCOS SEGUNDOS/ 55
FAMIGERADO/ 56
URBES OPERANDI/ 57
SLOGANS/ 58
URBICÍDIO/ 60
BALANÇA/ 61
COM “H” MAIÚSCULO/ 62
O PRODUTO HOMEM/ 63
VAGÓES/ 64

IV
LINGUAGEM SOBRE SI/ 65

- RASCUNHO/ 67
COLO DE ESPECTROS/ 68
SUSPEITA/ 69
POESIA/ 70
QUIXOTE/ 71
ROUPAS DE BRINCAR/ 72
PRA DESENTENDER/ 73
PASTAGENS/ 74
LUMINESCÊNCIAS/ 75
VENTANIA/ 76
AO PRIMEIRO LIVRO/ 77

V
DESERTOS TRANSEUNTES/ 79

ERMOS/ 81
A MORTE/ 82
QUARTO 101/ 83
CÂNTICO DOS ÂMAGOS/ 84

VI
TRILHANÇAS/ 85

PORTO INSEGURO/ 87
BUSCA/ 88
TRILHANÇAS/ 89
A TRAMA DO BORDADO/ 90
ESTRANGEIROS DE MIM/ 91
A TRILHA/ 92
SEMÁFORO/ 93
CAATINGA/ 94
RODA DENTADA/ 95
DÁ LÁ E LAMA OU MANGUEZAL/ 96
TECELAGEM/ 97
NA CASA DOS MEUS TRINTA ANOS/ 98
DESCARRILHO/ 99
CANTO PARA ASSOBIO/ 100
CATEDRAL/ 101
ENTRELACE/ 102
RECOLHEITA/ 103

